

# CIBERTEXTUALIDADES

Publicação da Universidade Fernando Pessoa



TEMA DE CIBERTEXTUALIDADES 07

## ESTUDOS SOBRE **ANTÓNIO ARAGÃO**

Organização de **Rui Torres**



# OS 3 FARROS. DESCIDA AOS INFERMOS. CURRESPONDÊNCIAS DE ALBERTO PIMENTA E DE ANTÓNIO ARAGÃO: TEXTUALIDADES CRIATIVAS SOBRE UM PAÍS E UM MUNDO À DERIVA

LEONOR MARTINS COELHO<sup>1</sup>

**RESUMO:** Pretendemos traçar as linhas gerais que atravessam os 3 farros. *descida aos infernos. correspondências*. Trata-se de um artefacto com acento posto numa textualidade que sublinha a inquietação criativa, a agitação estética e a consciência crítica de Alberto Pimenta (a) e de António Aragão (A). Nas missivas trocadas entre os dois autores, o efeito do enigma e de estranhamento, a irrisão paródica e uma observação desencantada dos padrões culturais, políticos e morais da época observada, acentuará o carácter irreverente e a maliciosa ironia das quarenta cartas que compõem o livro.<sup>2</sup>

**PALAVRAS-CHAVE:** Alberto Pimenta; António Aragão; decifração; ironia; crítica; distopia.

**ABSTRACT:** We aim to outline the general lines that are common to the three farros. *descida aos infernos. correspondências*. This artifact stresses a textuality that highlights the creative restlessness, aesthetic disquiet and critical awareness of Alberto Pimenta (a) and António Aragão (A). In the letters they exchanged, the enigma and estrangement effect, the parodic mockery and a disenchanted observation of the cultural, political and moral standards of the time stressed the irreverent character and malicious irony of the forty letters that make up the book.<sup>3</sup>

**KEYWORDS:** Alberto Pimenta; António Aragão; decoding; irony; criticism; dystopia.

---

<sup>1</sup> Doutorada em Estudos Interculturais, pela Universidade da Madeira. Professora Auxiliar do Centro de Competência de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira. Investigadora do Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras de Lisboa. Email: leom@uma.pt

<sup>2</sup> Considerámos a inclusão de um excerto de uma carta que António Aragão pensa ter escrito a Alberto Pimenta. Esse excerto foi enviado com a carta datada de 24 de Abril de 1982.

<sup>3</sup> We have considered including an excerpt from a letter that António Aragão believes to have written to Alberto Pimenta. The same excerpt was sent with the letter dated 24th April 1982.



«este mundo é toda ilusão»

(In os 3 farros, p. 75)

## INTRODUÇÃO

Procuraremos traçar, em linhas gerais, as visões críticas de Portugal e do Mundo no livro *os 3 farros. descida aos infernos. correspondências*, enquanto paródia de uma interação epistolar entre um continental, Alberto Pimenta, e um insular, António Aragão. Se considerarmos a poética do título, com o seu jogo verbal tipográfico, o enigma, o trocadilho e a provocação chamam, desde logo, a atenção do leitor. Publicado em 1984, com a chancela da Editora Danúbio, de Lisboa, este artefacto literário, em modo de diálogo filosófico, materializa a inquietação criativa, a agitação estética e a consciência crítica dos coautores relativamente ao estado do mundo e, em particular, do Portugal do pós-25 de Abril. Baseado nas cartas trocadas entre os dois autores, no período compreendido entre 11 de fevereiro de 1982 e 8 de dezembro de 1983, este livro conjuga o efeito de estranhamento, a irrisão paródica e uma observação desencantada dos padrões culturais, políticos e morais da época observada. Configurado no jogo epistolar, o trabalho literário encena uma troca verbal – à partida, de carácter privado – mas, na verdade, um “pseudodiálogo” entre dois correspondentes, visto as mensagens se destinarem, neste ato comunicativo, aos leitores potenciais do livro. Em todo o caso, a obra desenvolve-se num registo ficcional-ensaístico que alia o teor fragmentário e o veio satírico característicos da escrita experimental.

Pelo viés de um discurso irreverente, de maliciosa ironia e de intencionalidade crítica, os dois correspondentes descrevem e comentam um quotidiano flutuante e disfórico, quer em termos políticos, quer em termos sociais e culturais. A última carta contém, ainda, a ideia de um novo projeto artístico: “eu depois disto pensei que se tu quisesses podíamos os dois tentar uma coisa telefónica – uma espécie de tele-novela! todos estão interessados nisso” (p. 120). Lembra-se,

assim, que a década de oitenta foi invadida por esse formato televisivo. Sublinha-se, sobretudo, que foi um período marcado pela vaga de projetos coletivos de criatividade em torno do experimentalismo literário e de discursividades múltiplas.

Com o decorrer da correspondência, o leitor poderá acompanhar as invenções verbais, tipográficas e semânticas que perpassam o livro em análise. Com efeito, o artefacto apresenta uma organização gráfica inconventional, ensaiando uma arrumação sincopada de palavras (p. 101), inventando regras alternativas de transliteração (p. 80), de emprego da maiúscula e da minúscula, de caracteres de recortes diferentes (p. 44), bem como de marcadores visuais (p. 69-73), exagerando o uso de siglas e acrónimos (p. 7, 13, 20, 41, 64, por exemplo) ou incluindo um jogo para palavras cruzadas (p. 101). Estas formas que quebram com as regras tradicionais acentuam um inegável jogo de decifrações, uns mais evidentes do que outros; a desconstrução do modelo epistolar, uma vez que a arte da epístola inscreve-se, tradicionalmente, num tom elevado e com regras específicas, opta, agora, pela inclusão por vezes prosaica de determinadas observações e por recorrentes menções subventrais; a escrita dos dois intervenientes assenta no tom lúdico, sarcástico e crítico de um registo que envereda não tanto por questões de natureza familiar – como poderia ser expectável numa troca de correspondência entre amigos – mas por questões sociais, políticas e culturais, como parece ser também apanágio da escrita epistolar ‘masculina’<sup>4</sup>.

Trata-se, assim, de um projeto que vai ao encontro dos múltiplos trabalhos realizados por ambos. António Aragão já nos tinha deixado na narrativa, nomeadamente com *Um buraco na boca*, de 1971, e na ensaística, como ocorre nos seus textos publicados em *Po.ex.: textos teóricos*

4 Segundo Michele Perrot, as mulheres tratam, sobretudo, de assuntos domésticos ou afetivos nas suas missivas (Perrot, 2005: 47).

e documentos da poesia experimental portuguesa, de 1981, as mais variadas possibilidades da Arte, dessacralizada e isenta de obrigações e convenções de vária ordem.<sup>5</sup> Por sua vez, Alberto Pimenta, muito embora não esteja tão ligado ao grupo dos escritores do experimentalismo português,<sup>6</sup> mas antes aos rostos da vanguarda, conforme sustenta Carlos Nogueira (online), deixa-nos uma obra relevante mas ainda pouco estudada. A título de exemplo, citamos o *Discurso sobre o filho-da-puta*, o livro de poesia *Ascensão de dez gostos à boca*, ambos publicados em 1977, ou o longo poema *Ainda há muito para fazer*, de 1998, no qual o autor envereda já pelos fenômenos da globalização e pela observação de distopias.

Face às várias possibilidades de abordagem que os 3 farros. *descida aos infernos. correspondências* permite, foi, porém, a imagem do País e do Mundo que captou a nossa atenção. De facto, esta obra é, simultaneamente, ‘escrita do eu’ e objetivação da alma, mas também escrita da relação consigo e com o outro e abertura ao exterior (Foucault, 2006). Se comungarmos, ainda, da opinião de Sierra Blás (2003: 109), para quem a correspondência pode estabelecer uma relação entre a cultura escrita, a sociedade e a função de cada produto gráfico no ambiente cultural em que é produzido, então os 3 farros contêm elementos essenciais para se compreender não

apenas os autores das missivas, mas toda uma conjuntura que observam à sua volta. As cartas de Alberto Pimenta, assinadas pela minúscula a, e as cartas de António Aragão, assinadas pelo A maiúsculo, permitirão, neste livro que é ao mesmo tempo um jogo de duplos e de espelhos – veja-se neste sentido a carta em que Pimenta pensou ter encontrado um pseudo-Aragão no Rossio (pp. 74-76) –, traçar um cenário distópico. Os dois escritores testemunham a desilusão que se seguiu à Revolução de 74 e apresentam as várias ameaças que grassavam aqui e lá fora. Sob o signo da tensão e da desarmonia, esta criação artístico-literária não deixa de ser um ensaio paródico das realidades observadas por dois autores inconformados, atentos e denunciadores. Desta feita, propomo-nos ver o retrato do País e do Mundo.

## 1. PORTUGAL À DERIVA: ENTRE UM PRESENTE CAÓTICO E UM FUTURO INCERTO

Através de um discurso oralizante, cáustico e divagante, o livro retrata um cenário perturbatório no que diz respeito aos anos subsequentes à Revolução dos Cravos que pôs cobro à Ditadura. A imagem que os autores dão desse país chamado Portugal, nos primeiros anos da década de oitenta, não favorece os portugueses, em geral, nem os seus governantes, em particular. De facto, esperava-se da Revolução, desenvolvida sob o signo da utopia, um País radioso. No entanto, de acordo com os informes e os comentários que as cartas enunciam, é sob o signo da instabilidade e da barroquização que emerge a liberdade almejada.

Veja-se, a título exemplificativo, algumas passagens das cartas de Aragão que parecem espelhar o caos, a incerteza e o medo, assim como a debilidade do próprio autor, apesar de negar que o horror que se apodera dele não tem explicação: “No Rossio encontrei a súbita aparição dum antigo colega de escola. Parecia embrulhado num futuro disforme e compacto” (p. 7). Ou: “As pessoas caminhavam excitadas. Falavam sempre do

<sup>5</sup> António Aragão é considerado “um dos mais activos intervenientes do Experimentalismo português” (Sousa & Ribeiro, 2004: 348).

<sup>6</sup> Alberto Pimenta está próximo de alguns poetas ligados ao experimentalismo português. Tem, aliás, alguns trabalhos em conjunto. Veja-se “Homiliade Joyce”, in *Joyciana* (com Ana Hatherly, E. M. de Melo e Castro e António Aragão), publicado pela *Etc*, em 1982. Em todo o caso, Alberto Pimenta (n. 1937) é considerado um dos mais originais e extravagantes poetas portugueses que se revelaram nos anos 70. É conhecida, por exemplo, a experiência provocatória, *Homo Sapiens*, em 1977, quando o escritor se expôs no Jardim Zoológico numa jaula reservada aos símios. A sua obra, que envereda não raras vezes por experiências inconfessáveis e por uma certa agressividade, constitui um repeto as todas as convenções. O autor recorre a jogos de distribuição gráfica e de transgressão caligráfica ou ortográfica, pautando os seus textos por uma absurdez narrativa e uma dessacralização radical.

mesmo: a foda do governo, os partidos políticos e o aumento dos aumentos” (p. 7). E ainda:

“Não estou pior, nada. Mas às vezes julgo-me na iminência de ver o horror. De dar com o horror de caras. Mesmo ao voltar da esquina. Dum modo vulgar e imprevisito. Não sei como te explicar. Nada tem a ver com a subida de preços, as más perspectivas alimentares, a inflação ou a entrada ou não do país pela Europa dentro”. (p. 24)

Nessa altura, pairava o desassossego causado por treze anos de intervenção na Guerra Colonial e os traumas são dificilmente apagados da memória de quem nela se viu obrigado a participar: “Antes que me esqueça, encontrei também, perdido de bêbado, um tal Joaquim Mendes, que foi ajudante dum general durante a guerra de África. (...). Insistiu na urgência de haver mortos para salvar a pátria” (p. 9). Muitos portugueses optaram pela fuga e disso o texto também dá conta: “Entretanto conheci um Joaquim Reis, que bem podia ter sido esse, e que esteve de facto no Ultramar, mas em Timor, e conseguiu cavar para a Austrália” (p. 27). Nesse tempo, a ilusão ainda aclamava pela igualdade entre patronato e proletariado: “viva a dentadura do proletariado” (p. 11). Nessa época, as brigadas revolucionárias diziam “que só podia haver estabilidade política e social com um cuverno forte e cusciente” (p. 17).

O livro em apreço critica todos os radicalismos e abusos de poder, nomeadamente através da observação de Aragão: “A semana passada fui a casa dum tipo com quem mantenho afectuoso contacto desde muito antes do 25 de Abril. Trata-se de um gajo que pertencia à esquerda e agora é ainda mais da esquerda que a própria esquerda” (p. 18). Aliás, a parábola das formigas é retomada por Alberto Pimenta na seguinte afirmação: “invadiram-me a casa. têm tudo minado. o subsolo já era delas, agora é o solo, as paredes, eu acho que têm o país por conta” (p. 22).

Se partirmos da leitura de Dauphin e Poublan (2002: 75), para quem as missivas podem ser documentos históricos, dando testemunhos da sociedade e da época em que foram escritas,

as correspondências entre Alberto Pimenta e António Aragão, embora concebidas com uma intencionalidade parodística, não deixam de instituir-se como um conjunto de materiais da memória coletiva e da História, na aceção do historiador Jacques Le Goff (1996: 547). Ao serem datadas e localizadas, estas cartas fixaram os sinais de um tempo e de um espaço, apontando o(s) desastre(s) que marcaram Portugal e o Mundo.

## 2. PORTUGAL COM RESQUÍCIOS DO PASSADO E IDEIAS CONSERVADORAS

O País retratado sofre do peso da sua História e de uma Cultura de subserviência e de anulação. Com efeito, os anos de Ditadura silenciaram e oprimiram o Indivíduo. Diminuído, o cidadão português parece corresponder à imagem de um país pequeno: “...hoje tanta gente gosta de usar cabelos compridos não é só como se diz para tapar as ideias, que são curtas, mas para não se dar a conhecer por elas, pelas orelhas.” (p. 10) e sobretudo: “A coluna vertebral a dobrar-se por demais numa curva servil e habituada? Algo imposto que actua sobre mim e me agacha?” (p. 15). Por outro lado, o Portugal ultramontano persiste. São vários os exemplos de conservadorismo e de atavismos da cultura portuguesa. Neste Portugal de ‘Fátima, Fado e Futebol’, a cultura é descurada (“a cultura tem a soberana vantagem de começar por cu”, p. 111). Todavia, a cultura também pode ser comprada por novos poderes ditos legitimadores, como acontece com os partidos políticos ou com os grandes construtores (p. 112). Implementam-se, pois, novas teias e novas redes de influência.

Na verdade, o que parece ficar das cartas reunidas neste livro é um sentimento de desencanto conforme se pode observar no seguinte trecho:

“Temos de concordar que depois das conquistas de Abril a socialização pupular aumentou. Não tenhas dúvidas. Muita gente sorri-me e eu cumprimento. Chegam a abanar a cabeça numa aquiescência domesticada. Todos socialmente

apostados. Por isso talvez a variedade de partidos políticos. Todos querendo um mundo melhor para todos. Tudo melhor, um copo melhor, futebol melhor, habitação melhor, carapau melhor ou seja o que for melhor". (p. 116)

Trata-se, na verdade, de uma falsa utopia que o emaranhado de diversos dados acentua.

### 3. PORTUGAL: DA INTERVENÇÃO DO FMI À ENTRADA NA CEE

A correspondência trocada entre Aragão e Pimenta dá conta da desastrosa situação portuguesa e, ao mesmo tempo, da possibilidade de sair desse impasse: por um lado, será a intervenção do FMI em Portugal; por outro, a possível adesão do país à CEE.

A verbosidade lúdico-expressiva não esconde a crítica e a suspeição: "A gente pensa na vizinha do lado. (...). No futuro dum gajo. No FMI ou no FIM e até nos purrames porreiros da televisão" (p. 41). A natureza probabilística das palavras acentuam o sentido crítico deste artefacto. Os vários poderes são então apontados: o poder económico-político mas também o poder dos *media*. Na verdade, tendo em conta a actual situação de Portugal, é difícil fugir ao paralelismo. Na altura, porém, acreditava-se na adesão a grupos fortes, na construção de uma cartografia diferente, na solidez de novos laços arquitectados pela almejada CEE:

"Tenho igualmente a impressão que na tua carta faltam também palavras. Alguma coisa que ias dizer e desapareceu. Como vês roubam-te também palavras e tu a fales-me em nova escrita! Não será que o péis tem outra escrituração? Talvez por causa da desintegração na CÊEiÉ". (p. 49)

O carácter experimental deste projeto literário lembra o período da reconceptualização da arte, em geral, e da literatura, em particular. A fragmentariedade de algumas cartas acentuam, também, a (des)ilusão de uma época. De facto, nem todos partilham do mesmo sonho:

"a cee faz-me alergia. às vezes, quando calha de ouvir piar cee nos seus vários idiomas, sinto arrepios no couro cabeludo e é como se tivesse comichão chata pela espinha abaixo até ao cu!". (p. 104)

É notório, ainda, o desengano de Alberto Pimenta diante de uma ameaça latente à paz mundial. No cenário de Guerra Fria em que emergem dois blocos poderosos, o escritor não deixará de apontar, também, o dedo às Nações Unidas, promotoras, na sua opinião, de várias guerras, de novas hostilidades e de arranjos incertos e graves (p. 104).

### 4. DA QUESTÃO LOCAL À MUNDIALIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Estas missivas, que são um exercício de criatividade e de crítica, configuram uma radiografia preocupante da sociedade portuguesa da época. As cartas de António Aragão revelar-nos-ão situações, igualmente, de desencanto, observadas ou vividas na Madeira. Nesse lugar que o mar afasta e isola, nesse espaço de dimensão reduzida – "Não dá para ser um ladrão autêntico, numa ilha de pouca geografia" (p. 42) –, a hipocrisia aumenta – "como é uma cidade pequena, obriga as mesmas pessoas a passar sempre umas pelas outras como se gostassem disso quando afinal se detestam" (p. 66) – e determinados acontecimentos vêm corroborar a sensação disfórica. Uma das novas imposições da ilha é a obrigatoriedade de deitar o lixo nas caixas verdes colocadas para o efeito: "Agora proibem papéis no chão como aí na tua lisbrónica. Mas o curioso é que os papéis no chão e a sujidade não param de aumentar" (p. 66). Porém, o zelo camarário não teve consequências. Outra observação alude ao novo regime autonómico insular, configurado num certo arrivismo político e social:

"Cá fora, na rua, vi carros muito grandes e pretos com motoristas de boné de pala fresca na mão e vários indivíduos que bem podiam ser presidentes, ministros, secretários, eclesiásticos, directores e outra gente consagrada. Talvez até algum artista, pintor ou poeta oficial". (p. 102)

Os pontos de vista de António Aragão e Alberto Pimenta sobre a situação portuguesa concordam quase sempre. Também comentam com a mesma mordacidade a conjuntura externa. O que chama sobretudo a atenção é a leitura que ambos fazem de organismos internacionais, cuja vocação é reorganizar o mundo e as relações entre os países. Os dois correspondentes partilham a ideia de que parte das manobras diplomáticas, visando uma reestruturação geopolítica, dissimula estratégias dos países mais influentes com vista a tirar vantagens económicas das tensões existentes no mundo. Logo numa das primeiras cartas, Alberto Pimenta recorda o seguinte caso:

"aquelas ilhas que aparecem e desaparecem subitamente no meio do oceano, não sei se já ouviste falar, até tem já havido diplomáticos, a ilha aparece primeiro em águas inglesas, depois desaparece e torna a aparecer em águas francesas, estás a ver?" (p. 20).

A escrita vem assim apontar a convivência dos países nessa reorganização e na intervenção de conflitos bélicos. De facto, a época contemplada pela correspondência em apreço é aquela que viu despontar a guerra nas Malvinas, conforme recorda Aragão: "Estou a escrever-te e, de vez em quando, ouço o ronco insistente dos aviões ingleses que passam aqui por cima a caminho das Malvinas. A rota dos tipos é mesmo por cima da ilha. É a guerra a passar por cima dum gajo" (p. 39). Também a guerra no Líbano será mencionada na carta enviada por Pimenta ao amigo: "além disso havia um festival de melcanto... um público... parecia o de bayreuth (quase ia dizendo Beirute, estupor de confusão)" (p. 35).

António Aragão salientará as guerras constantes, perpetuadas por interesses e pactos falaciosos (p. 92). Numa das últimas cartas, Aragão deixará registado: "Trata-se talvez duma grande confusão que não consigo deslindar. Tem a ver com o Triângulo estratégico? Ligado às missas da Nato ou à falada expansão dos totalitarismos?" (p. 102). Teias de (inter)dependências que tendem a consolidar-se.

## CONCLUSÃO

A correspondência entre Alberto Pimenta e António Aragão não se esgota nos aspetos que acabamos de relevar. Abrange, de forma sempre desassomburada, outras questões que preocupam tanto o cidadão comum como o intelectual atento aos problemas do quotidiano: a banca (p. 12 e 43), a política da "cp" e da "carris" (p. 13 e 37), o meio hospitalar e a saúde em geral (p. 29), os descontos para a Caixa de Previdência (p. 69), as modas dos inquéritos, dos concursos e dos sorteios (p. 19 e 37), a pedofilia (p. 21) e a pornografia (p. 35), as novas confissões (p. 23) e a confissão oficial (p. 27-28), o meio universitário e a especialização académica (33), os acordos ortográficos (p. 44), o estado das letras (p. 81) e os discursos ociosos sobre a arte (p. 48), o consumo (p. 47), o excesso de poluição (p. 63), de construção e de tecnicização (p. 45), as novas regras (p. 66) e as renovadas conformações hierárquicas (p. 71).

Na ilha e no País, a pobreza continua por erradicar (p. 39), as grandes fortunas de famílias poderosas que fugiram para o Brasil a seguir ao 25 de Abril estão de regresso (p. 51), a polícia de ar "poli-cioso" intervém (p. 54), os partidos políticos parecem ser heterónimos uns dos outros (p. 95), a sociedade parece viver num circo (p. 44), numa fanfarronice constante (p. 63), enjaulada num hospital psiquiátrico (p. 54).

De facto, fica-nos a impressão de que os dois correspondentes estão eles próprios enclausurados num País sem razão (p. 59) e num Mundo avassalador. A desconstrução de ideais democráticos foi, desde logo, apontada numa das cartas que faz troça dos discursos comemorativos dos políticos do primeiro de maio (p. 43). A desmistificação da utopia inicial acentuar-se-á, ainda mais, no final do livro, com a alusão às comemorações barroquizantes do 10 de Junho e com a alusão de um retrocesso português (p. 98). A desconstrução acentua-se com o enigma que atravessa o livro ("Ferros? Forros? Farros?", p. 97), mas, ainda, com o sentimento de desalento. Ficamos com a ideia de que o "sentimento destes ocidentais" é o do desânimo na observação aguda que fazem às

“causas e consequências da decadência” de um País à deriva, num mundo em crise e de atropelos constantes.

Pareceu-nos, pois, relevante dar conta deste artefacto que transgride os limites convencionais da arte da escrita e da epistolografia. Ao estabelecerem pontes com a situação cultural, social e política, Alberto Pimenta e António Aragão deixam-nos um interessante exercício de crítica sobre a década de oitenta. Distopias de uma época pretérita que parecem, não raras vezes, bem atuais.

## BIBLIOGRAFIA

**DAUPHIN, C. & D. POUBLAN** (2002). “Maneiras de escrever, maneiras de viver-cartas familiares no Século XIX”, in Bastos, Maria Helena C., Cunha, Maria Teresa S. e Mignot, Ana Crystina V. (orgs.), *Destinos das Letras. História, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo, UPF.

**FOUCAULT, M.** (2006). *O que é um autor?* Lisboa, Nova Veja.

**LE GOFF, J.** (1996). *História e Memória*. Campinas, Ed. Unicamp.

**NOGUEIRA, C.** “Da irreverência como princípio estético ou a poesia de Alberto Pimenta”. Disponível em linha <<http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/zips/nogueira04.rtf>>. Consultado a 4 de Agosto de 2014.

**PERROT, M.** (2005). *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru/SP, EDUSC.

**PIMENTA, A. & A. ARAGÃO.** (1984). *os 3 farros. descida aos infernos. correspondências*. Lisboa, Editora Danúbio.

**SIERRA BLÁS, V.** (2003). *Aprender a escribir cartas. Los monumentos epistolares en la España contemporânea (1927-1945)*. Edições TREA.

**SOUSA, C. M. & E. RIBEIRO,** orgs. (2004). *Antologia da Poesia Experimental Portuguesa. Anos 60 - Anos 80*. Coimbra, Angelus Novus.

**VERÍSSIMO, N.,** org. (2011). Revista *Margem 2*, Anónio Aragão, nº. 28, Câmara Municipal do Funchal/Departamento de Cultura.

ISSN 1646-4435

